

A poesia se cala para ouvir Deus

No tempo anterior ao Islã, dez longos poemas se destacam entre os mais belos da língua árabe – são, em português, os *Poemas Suspensos*. Com o *Alcorão*, mudam a vida e também o fazer poético. Para os fiéis, Deus fala por meio dos versículos do seu Livro Sagrado

POR MICHEL SLEIMAN

A Idade Média conheceu um conjunto de dez longos poemas tidos pela tradição como as mais sublimes realizações literárias em língua árabe do período imediatamente anterior ao Islã. Trata-se das *Mu'allaqât*, ou, em português, *Poemas Suspensos*, em tradução do termo árabe por referência à inverossímil e fantasiosa alegação de tais poemas terem sido, em algum momento, ricamente lavrados em panos e assim “pendurados” nas paredes do santuário em Meca, a Caaba pré-islâmica.

Chamados mais apropriadamente de *Poemas Preferidos*, por alusão ao substantivo *‘ilq*, “preciosidade”, isto é, comentados, seletos, tal conjunto tem datação circunscrita aos primórdios do século VI e VII – ainda antes de 622, ano em da era islâmica – e guarda características peculiares que jamais se repetirão na produção poética ulterior, embora os muitos esforços das gerações futuras em imitar-lhes a letra em tema, estilo, contundência e impacto de expressão, principalmente por falta de um horizonte conceitual – es-

tético, moral, filosófico – que excluísse a marca indelével do verbo criador do Islã, estampado nos versículos do *Alcorão*.

Dito de outro modo, a produção literária que antecede o Islã só fora possível num mundo sem *Alcorão*, não porque este esteriliza a verve poética, mas porque o Livro Sagrado impôs um novo mundo, onde a definição ontológica só se faz possível a partir da compreensão do mundo como obra do Deus Único e, portanto, definível a partir de Sua letra. O pré-Islã, nesse sentido, para bem ou para mal, precede a consciência de tal mundo, daí ele ter sido rebatizado pelos muçulmanos como “tempo da ignorância”, a *jâhiliyyah*, um tempo adâmico se quisermos transpô-lo aos termos da compreensão judaica ou cristã.

Estruturado sobre uma base “que ignora”, o mundo lido nesses poemas refrata a consciência de uma existência unicamente terrena: a finitude e a transitoriedade, a beleza do aparente e a nostalgia pelo acabado, a pertença ao grupo e a rebeldia da individualidade, e uma

religiosidade que não se nomeia, atávica que se mostra tanto no mundo circundante como na alma. Dimensão comensurável, o mundo pré-islâmico mostra-se pleno aos olhos do nômade, e, segredo a ser transposto, a mulher é cognoscível pela ação dos pés masculinos que encurtam a distância até o seu par e das mesmas mãos que ora descobrem-lhe o vestido. Descrita como mar em movimento, na *Mu'allaqah* de Tarafah Ibn-Al'abd, a areia que o animal sulca não difere do andamento do verbo no interior do verso e, assim, “mar” (*bahr*) significa “metro” e o andamento de tal metro, “exposição” (*'arûd*) a mover as razões no poema, em cabal paralelo entre o verbo do poeta e a viagem que, beduíno, empreende pelo deserto, no dorso de sua montaria.

Outro beduíno, Labid Ibn-Rabi', celeberrimo autor da *Mu'allaqah* que descreve a foracidade da vaca selvagem em luta com os cães de caça, dizem ter vivido inverossímeis 145 anos a ponto de ter assistido à ascensão da dinastia omíada em Damasco. Não obstante a longa vida,



Páginas do *Alcorão*, final do século VII

fontes mais seguras, porém, rezam ter ele morrido no ano de 622, tendo testemunhado não só o surgimento do Islã como um de seus momentos mais críticos, a saída em fuga do profeta Muhammad e alguns correligionários de Meca até Yathrib, cidade esta que se converteria na Cidade do profeta (*madīnat annabī*), ou Medina, de onde, anos depois, sairia um grosso e disciplinado contingente de fiéis e soldados de um Islã maduro e vitorioso rumo, de volta, e com entrada triunfal, à original Meca, episódio exemplar que anuncia a adoção generalizada da nova fé e seu modelo sócio-econômico nos territórios geopoliticamente batizados como Oriente Médio.

Conta uma anedota que Labīd renunciou ao ofício de poeta, mostrando a segunda sura do *Alcorão* que ele repetira

por escrito quando lhe foi pedido revelar os versos que compusera depois do surgimento do Islã. Em Labīd operou-se uma transformação profunda. Abdicou dos hábitos de vida antigos. Morreu ferrosos muçulmano.

Mais um famoso autor de *Mu'allaqah* é Zuhayr Ibn-Abī-Sulmā, que terá morrido ao redor de 615, apenas começadas as Revelações em 610. É verdade que Zuhayr não chegou a converter-se à fé do Deus Único (sim, o seu filho Ka'b), mas sua obra-prima, indicativa de sincera religiosidade e marcadamente grave e sentencial, ao sabor das máximas semíticas, acusa a orientação mais amadurecida, àquelas alturas, entre os beduínos seminômades, de um monoteísmo proto-islâmico. Dentre os dez poetas, Zuhayr é quem manifesta a crença no

dia do Juízo (*Alcorão*: 40, 28), fazendo eco às crenças cristãs dos siríacos.

Sua *Mu'allaqah* enfatiza, ademais, a sabedoria do clã dos Banū-Damdam em negar-se à vingança pelo talião em troca de indenizações pecuniárias, ética que o Islã adotará por lei. Poeta, diga-se logo, na contramão do espírito mais comum de beduínos como o Príncipe dos Poetas Imru' Alqays, sempre pronto a quebrar as regras do decoro. Na *Mu'allaqah* deste vemo-lo invadir o palanquim das mulheres, bem como, de outra feita, jactar-se em subjugar sob o corpanzil o corpo de uma fêmea lactante, tudo em nome de uma bravura consentida que compensa o erro no enaltecimento viril de quem, mesmo errando, dignifica a sua ação por não fugir às conseqüências, conforme bem conhecida ética da integridade

O conjunto das 10 *Mu'allaqât*, junto a outras coleções da poesia árabe pré-islâmica, atesta um longo passado literário nesse idioma

beduína, a *muruwwah*, a mesma que o faz, em outra cena, retribuir a molestadas donzelas com a carne farta de sua camela de estimação.

Engrossando a contracultura estão 'Amr Ibn-Kalthûm e Al'a'shà, o "Cego", ambos compositores em finais do século VI. Une-os o gosto pelo vinho, estirado em não poucos versos das respectivas *Mu'allaqât*, aliado ao ócio de final da tarde e o noturno, junto às escravas ou os amigos, e quando à luz matinal, temperado com tantas medidas de água, para afastar os temores que acaso assoma a velada noturna.

A hombridade é, à mesma vez, do indivíduo e de sua tribo, identificação que põe em alta conta o homem ante a mulher pretendida, da qual se menciona, em detalhes, a beleza excelsa, traço harmonioso da natureza que se deixa aperfeiçoar pela nobreza do grupo que lhe refina os modos. Mas eis que recato e decoro desvanecem-se o desejo faz-se ação do beduíno, e vemo-lo raptá-la, consentidamente, até colinas longínquas onde apreciará as formas da fêmea, que em tudo simulam as de suntuosa camela. Tanto se lhe dá ter, ou não, calçadas as sandálias, segundo conhecido valor semita, qual seja, estar ou não no caminho reto. A morte, enfim, assinala 'Amr, há de chegar a todos, pois que a ela cheguem os humanos.

O conjunto das 10 *Mu'allaqât*, junto a outras coleções da poesia árabe pré-islâmica, atesta um longo passado literário nesse idioma. Recentemente se revelou um registro de árabe poético em escrita sul-arábica, que remonta ao século I da nossa Era, e outro em escrita nabatéia do século II. Contudo, a evolução *stricto sensu* rumo ao poema longo (*qasidah*), do tipo característico das *Mu'allaqât*, a dispor o verso em par de hemistíquios segundo um sistema definido de métrica e rima, é rastreável a partir de finais do século V, com possível retroação ao século anterior. Não bastando, os tropos e símiles metafóricos e comparativos que



QUSAYR 'AMRA, JORDÂNIA

Representação feminina em arte pré-islâmica

pululam nos poemas seletos são tão conhecidos por poetas, rapsodos e ouvintes que, às vésperas do Islã, um poeta de veia mais singular como o célebre cavaleiro da literatura popular 'Antarah Ibn-Shaddad, autor da *Mu'allaqah* que trata da guerra e do amor incondicional por 'Ablah, reclama a impossibilidade de no seu tempo fazer-se poesia original: "Deixaram os poetas algo por glosar?", pergunta-se. Não é de estranhar ainda que já no século

VI encontremos na coleção de poemas de Imru' Alqays vários dos tropos que identificam a poesia de seu antecessor, nascido em 500, 'Abid Ibn-Al'abras, autor da famosa *Mu'allaqah* que compara a destemida égua a uma águia a investir contra a raposa. De modo que quando Muhammad proclama à sua comunidade a, por diversas razões, inovada dicção do literário, algo se dá, com efeito, paralelamente à novidade religiosa. Código de

بَابُ كَسْرِ الْجِلِّ مِنَ الرِّكَابِ إِذَا أَتَيْتَ بِالْعَقِبِ ثُمَّ
 بِالرَّأْسِ فَأَنْزَلْ يَدَاكَ وَأَزِمِ رَأْسَ الدَّمْحِ فِي الرِّكَابِ وَأَطْلُبْ
 بِسُرْعَةٍ كَمَلِ الْفَرَسِ فَرَسَ الْخَصْمِ فَإِنَّ رَجُلَهُ تَنْكَسِرُ



Desenho em
pergamino
pré-islâmico

وَتَبْطِئُ لَهُ خُرُوجَ رِجْلِهِ مِنَ الرِّكَابِ بِسُرْعَةٍ أَوْ يُسَبِّكُ
 الرِّعْيَانَ وَيُكْسِرُ فَرَسَ الْخَصْمِ إِلَى وَرَاقَاتِهِمْ ذَلِكَ

TRECHOS DAS MU'ALLAQÂT,

TRADUZIDAS POR ALBERTO MUSSA, NO LIVRO OS POEMAS SUSPENSOS, QUE SAI EM ABRIL PELA EDITORA RECORD

Imru' Alqays

Entrei, de súbito, na tenda; ela, diante da cortina, /
despira, para dormir, exceto a peça mais íntima. /

"Mão direita de Allah! Tu não tens jeito!
Não vejo o mau caminho se afastar de ti!"

Carreguei com ela, que foi se arrastando; e disfarçamos /
as pegadas com a barra da saia de que ela se despiu. /

Graciosa e branca, exata nas medidas,
um colo polido como espelho,

como a novilha amarelo-pálida,
que se dessedenta numa água pura e límpida. /

Tarafah

De madrugada, os palanquins das filhas de Mâlik /
eram como grandes barcos sobre os rios de Dad: /

barcos de Adawli ou de Ibn Yamin, que tanto /
se extraviam quanto seguem no caminho certo, /

cujo peito fende as vagas como a mão do jogador /
de fiyal, cortando montículos de areia.

Labid

Foi quando escutou ruído humano, vindo de um lugar oculto; /
e se assustou, pois o homem é a sua peste. /

Hesitou entre a boca e a vulva, julgando que ora uma, /
ora a outra fosse o cliente do terror.

Impacientes, os arqueiros enviaram sabujos /

de orelhas caídas, adestrados, com coleiras apertadas. /

E elas a alcançam; e ela investe com os chifres — autênticas /
lanças de Samhar, seja pelas hastes, seja pelas pontas — /

para afugentá-los, certa de que — se não os /
repelisse — sua morte seria a primeira.

Rasgou um dos cães ao meio e se tingiu de sangue, /
enquanto deixava estirado um no campo de batalha. /

Zuhayr

Vi os destinos errarem à noite como camelas cegas: a quem /
atropelam, matam; a quem deixam de atropelar, concedem longa decrepitude. /

Quem evita os caminhos da morte é entregue a ela /
ainda que suba ao céu por uma escada.

Quantos não te parecem maravilhosos, antes de abrirem a boca!

A língua é a metade de um jovem; o coração, a outra: /
o resto é uma estátua de carne e sangue

'Amr Ibn Kalthum

Acorda, menina, para nos servir desse teu grande /
cálice, e não poupes esses vinhos de Andarín. /

Se os nossos destinos já estão decretados e serão cumpridos, então, aos destinos!

Al'A'sha

Gostei dela por acaso; ela gostou de outro que não era /
eu; e esse gostou de uma que não era ela;

uma jovem gostou dele, mas ele não a quis; /
enquanto isso, morria um primo dela, de tanto variar; /

gostou de mim uma outra, que não me convinha — e assim /
os amores se encadeiam, desviados da razão. /

'Abid

Mas isso é já passado: agora me vejo sobre uma égua alta e robusta;

é como uma águia rapace, em cujo ninho corações se empilham.

Então despertou, numa manhã fria, quando o gelo se desprendia da plumagem, /

e imediatamente distinguiu um feneco na estepe erma e árida;

e sacudiu as penas; num átimo se pôs de pé; e ameaçou voar.

O feneco, pressentindo o ataque, com as pálpebras /
pelo avesso, tentou escapar, coleante sobre a terra; /

mas a águia bateu rapidamente as asas, na sua direção, precisa e veloz.

Ele levantou a cauda, apavorado com o rumor do voo, como a presa diante do chagal. /

Mas a águia o colheu e deu com ele violentamente /
contra o solo, enquanto ele se debatia;

e deu com ele novamente, e lhe esfregou o rosto na aspereza da terra;

e ele uivou, as garras dela no seu flanco, até que o peito, inexoravelmente, fosse perfurado. /

religião, ética, sociedade, isso tudo os beduínos árabes nômades e seminômades conheciam, seja pelo seu de ordinário, agnosticista ou teísta de matiz anímico ou panteísta, seja pelo de agrupamentos vizinhos (árabes ou bem de outra etnia), a saber, cristão, judeu, masdeísta e sabeísta, elementos todos aludidos nas *Mu'allaqât*.

O que trazia o *Alcorão* que calou de vez a voz dos poetas por pelo menos 40

anos, quando se retoma uma poesia áulica, de cunho irremediavelmente eloqu岸o-panegirista, em mãos de poetas agora pagos?

A seu modo, o *Alcorão* é um espécime literário com linguagem fortemente conotativa, a resgatar formas poéticas antigas, como a prosa ritmada (*saj'*) em máximas sapienciais e precatórias tão a gosto dos semitas, que em estágio ul-

terior da *jâbiliyyah* perderam terreno diante da sofisticação a que chegou a forma-poema *qasidah*, cujos melhores exemplares, como vimos, são as *Mu'allaqât*. Os versículos, denominados *âyah*, agrupam-se no capítulo, denominado *sûrah* (daí o português *sura*, ou *surata*), sem, aparentemente em algumas passagens, um critério rígido de unidade temática.

ALCORÃO

TRADUZIDO POR MICHEL SLEIMAN

Sura da abertura – Al: 1, 1-7

Em nome de Deus
Allah e Misericordioso

A Allah agradecemos
Senhor do todovivo

Allah e Misericordioso

Senhor do dia do Juízo

Só a Ti Deus-Allah adoramos
só a Ti rogamos auxílio

Guia-nos na estrita via

via-Allah dos abençoados
não a dos repudiados
nem a dos perdidos

Sura da unidade – Al: 112, 1-4

Dize
Ele é Allah
Só

Allah
Eternal

Não gerou
não foi gerado

Ninguém nada
há de O
semelhar

Sura da aurora – Al: 113, 1-5

DIZE Refugio-me no Senhor da aurora
Do mal que as Suas criaturas obram
Do mal do breu quando a lua desdoura
Do mal dos sopros quando se atam os nós
Do mal do ínvio quando a inveja cobra

Sura do decreto – Al: 97, 1-5

Nós o descendemos
céu-abaixo
na Noite-Decreto

Que sabes tu
da Noite-Decreto?

A Noite-Decreto é mais
que mil de meses

Nela desceram
o Espírito e os anjos
no amém de seu Senhor
a cumprir toda ordem

Paz durável
ela
até o romper-aurora

Sura dos infieis – Al: 109, 1-6

DIZE Infieis!
Não adoro o que adorais
nem adorais o que adoro
[Deus Allah e Misericordioso]
E não adorarei o que adorais
e muito menos vós o que adoro
[Deus Allah e Misericordioso]
tendes vosso credo tenho o meu

Sura do coágulo – Al: 96, 1-19

Lê em nome de teu Senhor
que criou

criou
o ser-criado
do coágulo

LÊ
É teu Senhor o Mais-
Generoso

Quem ensinou
com o cálamo

ensinou
a quem criou
o que lhe era ignorado

Vê!
A criatura
se engrandece

ao ver
que lhe crescem
os bens

E é ao teu Senhor o fim-retorno

Viste
quem veda

o servo
quando reza?

Segue
a Estrita Via?

ou prega
o temor pio?

Não nega
e se desvia?

Não sabe que Deus observa?

Mas quê!
Se não detém
o seu fazer
agarraremos seu topete

topete
de mentiras e pecados

Que ele chame os seus
Nós chamaremos
os anjos pés-na-terra

Não lhe dêis ouvido
[servo meu]
prostra-te
acerca-te
[de mim]

A história da disposição dos versículos na sura, bem como a da seqüência destas no Livro não estão suficientemente conhecidas ainda, não tendo sido feita, a rigor, edição crítica dos manuscritos mais antigos, no estrito sentido científico do termo. Contudo, é consensual entre os muçulmanos que a disposição dos versículos e capítulos do Livro obedece a recomendações do profeta que, de tempos em

tempos, tinha o hábito salutar de ouvir e revisar a recitação das suras a ele reveladas por Deus através do arcanjo Gabriel, como é bem sabido.

Impressiona ao ouvinte e leitor — devemos pensar que também ao tempo de sua revelação — a fluidez com que se desdobram os versículos, cuja recitação requer certas pausas, especialmente naqueles maiores. Há um ritmo implícito

nas linhas que antecipa em muitos séculos, por exemplo, a poesia em prosa ou a prosa poética que só na metade do século XX os árabes experimentarão quando, por força da modernização de sua poesia, romperam com os fundamentos poéticos tradicionais, engessados há séculos, passando a explorar, como alternativa de ritmo do poema, tanto o fracionamento e a diversificação

das unidades métricas num mesmo verso como a ignorância de qualquer princípio da métrica oriental.

O fato de o Alcorão obter harmonia sonora, sem ser regido por métrica, deve ter repercutido positivamente no Islã primitivo. Anedotas nesse sentido não faltam, e o texto do *Alcorão* parece consciente do poder e da insuperabilidade de sua expressão: “Se acaso duvidais do que acedemos a nosso servo trouxe sura igual às que lhe descendemos, para isso invocai vosso testemunho não-em-Deus, se convictos e, não o fazendo – não o faréis –, temei o fogo sem madeira a arder com enxofre-humanos à espera dos pecadores” (2, 23-24).

Por outro lado, as suras, como unidade temática não isenta de seções narrativas, inaugurou a locução do sujeito alienado. As revelações só são de Deus, entidade abstrata, até o ponto extremo de solapar a idéia de sujeito autor, tão característica em poetas como Imru’ Al-qays ou Nâbighah Addubyânî. Tal entidade sequer está num tempo e num lugar fixos, não se situa em nenhum horizonte palpável, nem passado nem presente, e antecipa para agora a idéia de futuro ao trazer para a vida terrena as implicações diretas do Juízo Final. “Eu” e “Nós” no *Alcorão* são, por conseguinte, instâncias de locução não-humana, não-geradora sob nenhuma hipótese, algo que poderia

pôr em xeque os fundamentos axiais do patriarcado por linhagem, da continuidade vivaz do coletivo (*‘asabiyyah*).

A individualidade do beduíno pré-islâmico, com lembramos, funde-se com a coletividade que lhe confirma o livre-arbítrio; a ação de um único homem repercute em todos seus pares. Ora a voz de Deus conclama a união das tribos, credos e sistemas em nome de algo maior, uma comunidade islâmica temente a Deus, sem associações na divindade, sem intermediações de chefes de tribos, clãs ou famílias. No entanto, a adesão do beduíno à nova e tal realidade pôde ser possível pelo espírito implícito em Deus como “alguém” imbuído do mesmo espírito da integridade (*murwawah*) que norteia o homem do deserto.

A ilimitada misericórdia divina devia repercutir, no entendimento daqueles seres, os mecanismos que norteiam os laços de pertença na comunidade tribal, a *‘asabiyyah*, espírito de equipe que, de mais a mais, assimila os desvios da ordem geral, sempre que o extraviado sustente a sua integridade. Um mesmo laço, umas mesmas fibras desse laço, um fundo emotivo a extravazar-se até a superfície corroboram para fazer do Deus alcorânico a realização mais perfeita da propalada integridade beduína.

Finalmente, o *Alcorão* parece cendir o beduíno no espaço mais amplo da arabilidade, dotando-o de uma língua cuja plasticidade ultrapassa os símiles encontráveis nos poemas. Confere à língua, ademais, um referencial de verdade e certidão do qual o beduíno ressentia-se. Uns preceitos de ordem, no geral congruentes àquela sociedade, não parecem ter causado estranhamento maior, já que ao colar de sortidas pedras da Arábia faltava apenas o fio da aglutinação.

A grande poesia tribal era reflexo vivo de um mundo em transformação, a ser vencido. Daí o inexorável tom das evocações do viajante ante os vestígios de acampamento da amada: “Ai morada de Mayyah aos pés da colina / deserta já desde uma longa eternidade / ali me detive uma tarde a interrogá-la / mas não pôde responder...”. Tal espaço da ausência o Alcorão preencheu definitivamente.

Arte egípcia, século XIV



Os novos poetas das areias

A poesia árabe de hoje se afina com as múltiplas tendências observadas no século XX e neste que acaba de começar. Ali Ahmad Saïd, Adonîs e Mahmûd Darwîch se encontram entre os principais autores que representam essa fase de renovação

POR MICHEL SLEIMAN

Afinada com as múltiplas tendências observadas no século XX e neste que apenas começa, a poesia árabe de hoje se inscreve no movimento das demais literaturas do nosso tempo. Seu nascimento, porém, diz respeito a um contexto bem particular. Responde a um anseio de liberdade, fundamentalmente porque a produção literária no grande bloco que constituem os países de fala árabe esteve atrelada, por séculos, às amarras da não-ação, devida em boa medida à baixa auto-estima do que fosse “árabe”, a favor do elemento turco, situação injusta mas compreensível numa política de domínio e, em alguns momentos, mesmo de opressão que impingiram os turcos-otomanos, desde os albores do século XVI, quando então teve início o processo de turcização das instituições árabes, para cujos efeitos o baixo índice de alfabetização e o mau conhecimento generalizado da língua e da história da própria cultura corroboraram enormemente.

De modo que a passagem de Napoleão pelo Egito na virada do século XVIII ao XIX e a conseqüente entrada das tecnologias européias geraram forte impulso cultural, mensurável na progressiva inserção de elementos “ocidentais”, que então teve início, dentre os quais, no campo das idéias, devem-se citar a circulação de obras em francês e inglês e o grande volume de suas traduções para o árabe. Se é verdade que o Ocidente por sua vez também se beneficiou daquele “a



O poeta sírio Adonîs, na Feira do Livro de Frankfurt, 2004

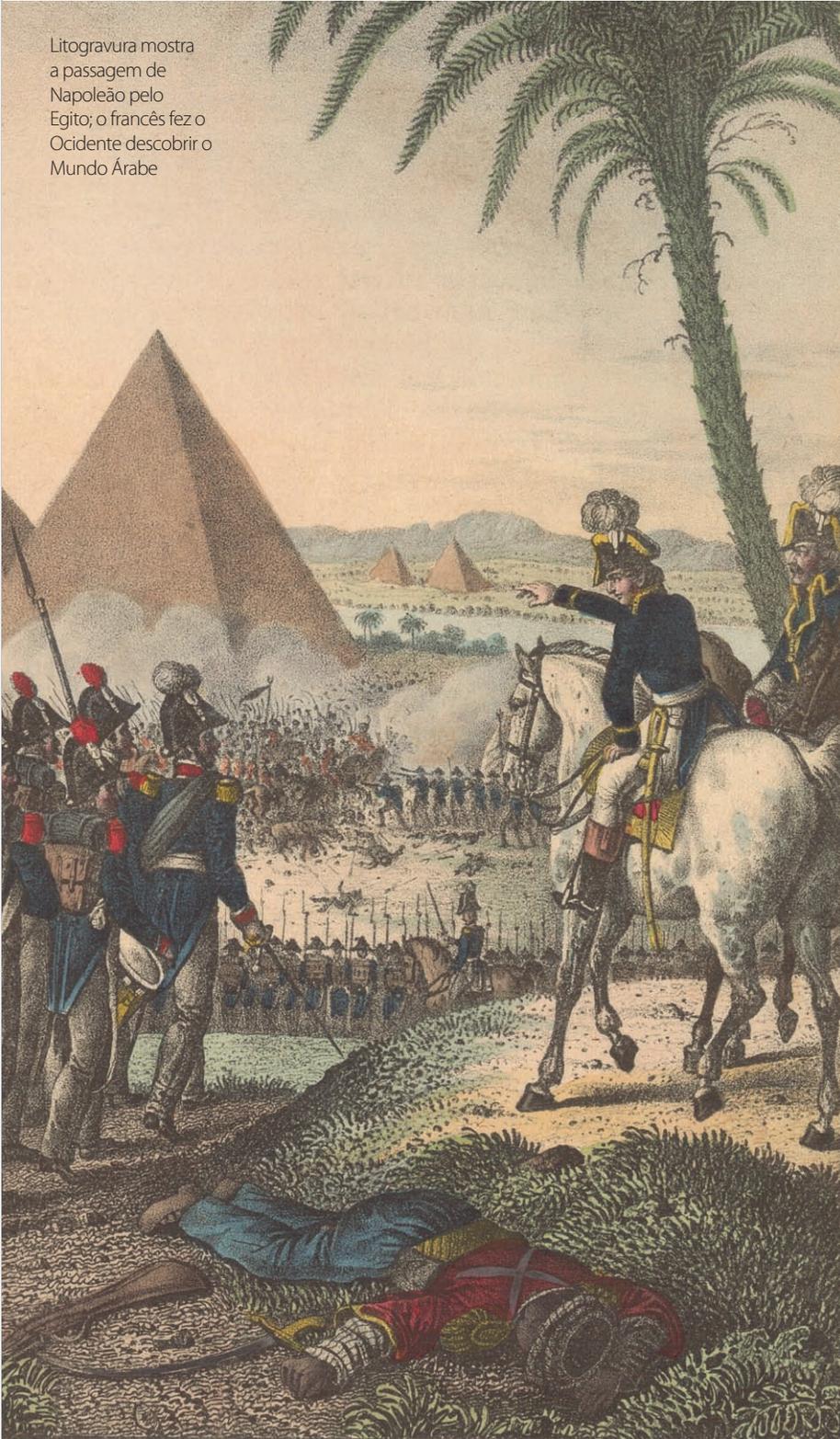
seu modo” redescoberto Oriente, não o foi menos para os árabes.

Desbaratada a inércia cultural nos meados do século XIX, o primeiro “renascimento” árabe (*nahdah*, conforme foi batizado), que perdura até as primeiras décadas do XX, deve ser avaliado como retomada imitativa —tão só— da poesia medieval, rica e de fato tão grandiosa que o seu reavivamento em tempo tão disten-

dido e a sua pronta imitação causaram, por quase um século, nos intelectuais a sensação de saciedade e a convicção (embora não inabalável para alguns, como Gibran Khalil Gibran e Ilya Abû-Mâdi nos EUA e os irmãos Fawzî e Chafiq Maluf no Brasil, nos quais ressoam timbres de romantismo ou algo frágil de simbolismo) de finalmente terem assumido as rédeas de seu destino. Contudo,

Alî Ahmad Saïd, mais conhecido como Adonîs, foi editor da revista *Shi'r* nos anos 50 e 60. Ambos são ícones da renovação na poesia árabe

Litogravura mostra a passagem de Napoleão pelo Egito; o francês fez o Ocidente descobrir o Mundo Árabe

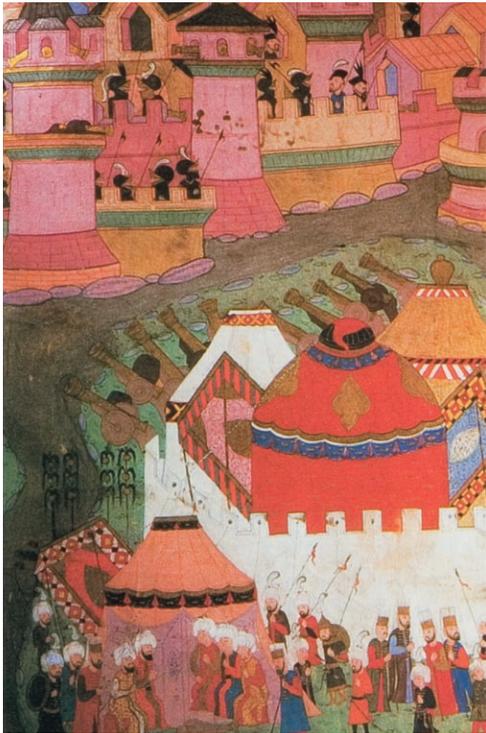


a tomada de conhecimento crítico das correntes vanguardistas euro-americanas, no decurso dos anos 40 a 60, levaria a uma ação esta sim mais decisiva no contexto das renovações.

Intelectuais dos quatro cantos do mapa árabe, como a iraquiana de radical linguagem Nâzik Almalâ'ikah e seu conterrâneo Badr Alsayyâb, o palestino Tawfiq Sâyigh ou o sírio Muhammad Almâghût, e ainda libaneses como Unsi Alhâj e Yûsuf Alkhâl. farão de sua obra plataforma de caminhos cruzados. Pound, Eliot, Edith Sitwell, Rilke, Lorca, Rimbaud, S.J. Perse, Eluard, Aragon, Yeats, Auden, Neruda, Nazim Hikmat estão na poesia desses autores não em reprodução, mas como companheiros de uma mesma viagem, onde o verso escoia em fundo e superfície longe da tutela dos antigos.

A reconfiguração do mapa geopolítico pós-Segunda Guerra e suas repercussões nos países árabes ex-colônias de França e Inglaterra, e notadamente a tragédia palestina pós-1948, plasmam na expressão desses poetas intelectuais —professores, editores, diplomáticos, dentro e fora de seus países—choque abrupto. Súbito faz-se iminente um criterioso giro de forças rumo à ancestralidade, e outras vezes, matizadas já em tons complexos, refundirão não sem questionamentos o novo e o antigo de uma tradição dormente. Os anos 60, nesse sentido, são um divisor de águas entre o mais ou menos novo e o que o é em definitiva.

Dentre os grandes poetas que assinaram aquele período e seguem ativos na cena cultural é Alî Ahmad Saïd, nascido em 1930, mais conhecido como Adonîs. Junto ao citado Alkhâl, foi editor da fundamental revista *Shi'r*, publicada em Beirute entre 1957 e 1964. Ícones das renovações, poeta e revista estabeleceram como que um atualíssimo programa da poesia árabe fincado em dois mundos: o passado glorioso e ainda fértil, em contínua reelaboração, e um futuro arrojado.



REPRODUÇÃO

Turcos otomanos durante cerco à cidade de Viena, século XVI

Em tal face do presente, a poesia árabe projetava-se para os confins da arabidade e reencontrava os seus contornos no território mais amplo da civilização.

Crítica, debates, experimentalismo, tradução, ensaios, linguagem em migração de formas e temas, política, arte, tal era o panorama desenhado aos novos poetas das areias. Desses entroncamentos surgem o verso livre, a prosa feita poesia, o poema épico na dimensão pessoal do poeta de hoje, heróico, mítico, lendário, histórico, mártir, a língua árabe elevada, mais uma vez em sua longa existência, ao patamar da revelação agora laica. O resgate do mito histórico ou lendário na materialidade inexorável do homem-testemunha foi um dos traços marcantes daquela geração, que ainda se desenhara às portas do século XXI (leia nessa página um poema de *Onze astros*, livro de 1992, do palestino Mahmûd Darwîch, na tradução de Safa Jubran).

É isso que Adonîs entoou no poemário *O Sacre*, de 1962, habilmente refundido no poemário maior *Livro das transformações e da fuga pelas regiões do dia e da noite*. *Sacre de Curaix* é o apodo do prin-

ADONÎS

O Sacre

entre a presa e o cavaleiro, diante do meu rosto /
vi repousarem as lanças, e meu corpo descamba empurrado pela morte, e os ventos, /
cadáveres pendentes, são-lhe elegia

e é como se o dia empedrasse varando a vida
é como se o dia fosse comboio de lágrimas
muda o teu tom ó voz ouço a voz do Eufrates:

—“Curaix...
cáfila rumo à Índia
a levar o fogo da glória”

... e o céu se deita sobre a ferida, e as margens murmuram e s t e n d i d a s :
entre mim e as margens há uma língua, há um diálogo
que as garças envolvem a rodearem-no como velas /
entre nós
(ó Eufrates, une-me, cobre-me)
e eu descí fundo
muda o teu tom ó voz, ouço a voz do Eufrates: /

—“Curaix...
pérola a incender em Damasco
entre olíbano e sândalo, mais fina
que as finezas do Líbano, mais bela
que os contos sobre Oriente...”

... e eu no vácuo dos gafanhotos, sob as nuvens feridas /
sou pedra de asas mortas
sou pedra de plumas mortas
e a morte encilha cavalos
e a vítima
é um pelicano a debater-se
muda o teu eco ó voz
ouço a voz do Eufrates:

—“Curaix...
só resta de Curaix
o sangue corredio como a lança
só resta a ferida.”

MAHMÛD DARWÎCH

Na última noite nesta terra

Na última noite nesta terra, arrancamos nossos dias /
da pequena árvore nossa, e contamos as costelas que levaremos junto /
e as que deixaremos. Aqui... na última noite /
não faremos despedidas, não teremos tempo para acabar ... /
Tudo fica como está, já que o lugar nos troca os sonhos /
e troca os nossos hóspedes. De repente ficamos incapazes de ironizar /
já que o lugar está pronto para receber a poeira... aqui na última noite /
contemplamos as montanhas rodeadas de nuvens: conquista... e reconquista /
e o tempo antigo a entregar ao tempo novo as chaves dos nossos portões. /
Entrem, pois, conquistadores, entrem em nossas casas, bebam deste vinho /
das doces muachahât. Finda a meia-noite, somos a noite, e não haverá /
aurora alguma em dorso de cavalo algum, vinda com o último eco do muezim. /
É verde o nosso chá, é quente, bebam, e nosso amendoim é fresco, comam /
e as camas, verdes, do cedro a madeira, entreguem-se ao sono /
após tão longo cerco, e durmam nas penas dos nossos sonhos, /
os lençóis estão estendidos, e os perfumes esperam à porta, os espelhos são muitos /
entrem, assim saímos de vez, e logo procuraremos saber /
como era a nossa história frente à história de vocês na longínqua terra /
e nos perguntaremos por fim:
O Alandalus /
era aqui ou lá? Nesta terra... ou no poema? /

cipe sírio Abderrahmân, cuja linhagem paterna remonta à mesma tribo a que pertenceu Muhammad, o profeta do islã. *O Sacre* escapou à chacina dos omíadas no início dos 700 e, chegando à vencida Hispania, fincou o ramo sírio nas terras do Alandalus. O poema (cujos versos de abertura traduzo também nessa página) surpreende o herói no momento exato

da fuga nas imediações do rio Eufrates, quando, momentos antes, assistira impotente ao assassinato do pequeno irmão pelos perseguidores abássidas. A morte do jovem porém se transformará no nascente estado andalus. Como Ícaro em asas da Fênix, sangue adônico nos caules da flor, a alma reintegrará a matéria... do fogo, do ar, da vegetação.